

Trabalho de Conclusão de Curso

Projeto Editorial e Gráfico do 'Canudo' - Jornal do DCE da UFSC

Aluno: Pedro Saraiva da Silva - Matrícula: 8918332/0

1. Apresentação

Este trabalho consistiu na elaboração e implantação de um projeto editorial e gráfico para o 'Canudo' - Jornal do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina. Ou seja, foram definidos os objetivos do jornal, seus princípios e opiniões. A partir daí, utilizando os conhecimentos adquiridos no curso de Jornalismo, se buscou encontrar os meios adequados para atingir os fins propostos. Concluindo, a pretensão é deixar com este estudo o subsídio necessário para que o 'Canudo' possa continuar a ser produzido de forma eficiente, independentemente de mudanças na diretoria do DCE e/ou nas pessoas que são responsáveis pelo jornal.

2. Histórico

O projeto nasceu no início de 92. Uma nova chapa se preparava para assumir o DCE, tendo como uma de suas propostas centrais reativar o jornal. Na gestão anterior (91), apenas duas edições haviam sido lançadas, seguindo a linha panfletária e com pouca ou nenhuma organização. A nova diretoria queria se contrapor à antiga administração e, para isto, o diretor de comunicação eleito, Franklin Carvalho, me pediu ajuda. Foram feitas duas reuniões com a diretoria antes do convite ser aceito. Nestas discussões, se chegou a um consenso a respeito dos princípios, meios e fins do 'Canudo'. O teor destes debates está descrito no próximo capítulo.

3. Princípio, meios e fins. Ou vice-versa

O primeiro passo ao iniciar o trabalho foi responder a algumas perguntas básicas: "O que quer este jornal? Para que ele serve? Com que objetivos será feito?". Não foram questões difíceis. Em geral, a maioria das entidades quer que o seu veículo de comunicação seja uma ponte entre a diretoria e a base. Querem que o jornal informe à categoria sobre os fatos que a atingem diretamente e, ao mesmo tempo, divulgue a opinião da diretoria sobre esses acontecimentos.

O Diretório Central dos Estudantes da UFSC não escapou à regra. Todos os seus diretores unanimemente definiram o 'Canudo' como um canal de comunicação aberto entre a entidade e a comunidade universitária, particularmente os estudantes. Todos concordaram também em afirmar que o jornal deveria tratar em suas páginas de assuntos que interessassem às pessoas que vivem no Campus, em especial aos que estudam na Universidade.

A esta altura, apareceu uma questão um pouco mais delicada. Como já foi colocado, o jornal deveria surgir para **informar** a categoria sobre os fatos e divulgar a **opinião** da diretoria sobre estes acontecimentos. Em um jornal, informação e opinião podem ser fatores complementares ou excludentes, dependendo do modo como forem trabalhados. Analisando-se a maioria dos jornais produzidos pelo movimento estudantil (e não só ele), tradicionalmente escritos com uma linguagem panfletária, percebe-se que a opinião tende a se sobrepor e sufocar a informação. Seria este o caminho a seguir?

Não é preciso ser um gênio ou fazer uma pesquisa de opinião

para constatar o desgaste dos veículos de comunicação panfletários. Basta seguir o roteiro dos boletins distribuídos pela CUT nos terminais rodoviários. Ou então acompanhar a trajetória de alguns jornais de antigas gestões do DCE entregues aos estudantes na saída do restaurante universitário. Na maioria dos casos, os papéis passam das mãos dos receptores para o lixo mais próximo sem chegar aos olhos - ou ao cérebro.

Talvez a razão deste desgaste seja o fato da linguagem panfletária ter perdido sua credibilidade. Mesmo após o fenômeno 'Carapintadas X Collor', são poucos os estudantes da UFSC interessados em ler um jornal que leve a manchete: "Estudantes, uni-vos contra o aumento do RU" - para usar uma imagem caricata. E quando chegam a ler, colocam em dúvida o que está escrito: "Isso é coisa de PTeelho. O RU está barato. Afinal, onde se come pagando esta mixaria?". E estas pessoas sequer sabem qual foi o percentual do aumento, se foi acima ou abaixo da inflação, ou quanto ele significa para quem sobrevive com uma bolsa de trabalho concedida pela UFSC. Estas informações podem até estar no texto, mas tão desvalorizadas em relação à opinião da diretoria que, mesmo os que lêem a matéria, não chegam a percebê-las.

Conclusão lógica: para atingir seus objetivos, o 'Canudo' não deveria enveredar pelo caminho panfletário (lógico, mas custou um bom latim para explicar isto à alguns membros da recém-eleita diretoria). Então, que caminho seguir? A opção escolhida foi a utilização das técnicas jornalísticas, as mesmas armas da chamada 'Grande Imprensa'. Cobrir os assuntos de interesse do nosso público específico, ouvir os diversos "lados" envolvidos nos fatos, informar corretamente, identificar claramente os espaços de opinião explícita... enfim, ganhar respeito e credibilidade como um jornal do Campus. Fazer um jornal não imparcial, que isto não

existe, mas equilibrado.

O 'Canudo' teria também um princípio básico. Assim como a 'Grande Imprensa' defende com unhas e dentes o direito à propriedade, o jornal do DCE lutaria pelo ensino público, gratuito e de qualidade para todos.

Passando do conteúdo à forma, escolheu-se editar um jornal tabloide de quatro páginas, com periodicidade mensal e tiragem inicial de cinco mil exemplares. A opção pelo tabloide foi baseada na facilidade de manuseio e leitura. A definição da tiragem e da periodicidade partiu de uma experiência pessoal anterior, quando tive a oportunidade de acompanhar o então aluno de jornalismo e diretor de comunicação do DCE, Jacks Mick, no trabalho de edição do mesmo 'Canudo', em 1989.

4. Grana

Debatidas questões conceituais e técnicas (na medida do possível, é claro), partiu-se para o ponto fundamental à viabilização do projeto: grana. O DCE assumiu os gastos totais da edição do jornal. Na parte de recursos humanos, a diretoria concordou em pagar duas bolsas de trabalho (75% do salário mínimo) aos estudantes que se responsabilizassem diretamente pelo 'Canudo'. Um deles foi indicado previamente pela própria diretoria, o aluno de psicologia Francisco Ricardo Mendonça, membro da chapa. Por ter um interesse acadêmico no projeto, além de outra fonte de renda, preferi deixar a segunda bolsa em aberto, para ser entregue àquela pessoa que tivesse melhores condições de colaborar no 'Canudo'. Completando o time dos "assalariados", o fotógrafo Lúcio Flávio Giovanello, que aluga uma sala ao DCE e "paga" com seu trabalho, seria o fotógrafo do jornal.

Foi feita então uma pesquisa de preços para saber onde seria mais barato diagramar, compor, montar e imprimir o 'Canudo'. A vencedora da licitação informal foi a empresa AGS Comunicação e Marketing, em conjunto com a gráfica Imprefar (Jornal O Estado). O Custo total de cada uma das edições pode ser verificado em tabela anexa.

5. O número um

Para iniciar o primeiro 'Canudo', marcou-se uma reunião de pauta no final de fevereiro. Uma passada nas salas do curso de jornalismo foi o suficiente para que uma boa quantidade de calouros aparecesse no encontro, onde também estiveram vários alunos de outras faculdades, como química e engenharia(s). As idéias já debatidas foram rapidamente apresentadas ao grupo, as pautas escolhidas e distribuídas, orientações dadas e prazos estabelecidos.

Como não poderia deixar de ser em uma turma de mais de dez colaboradores voluntários, vários abandonaram as pautas no meio, outros escreveram artigos opinativos e alguns fizeram as matérias combinadas. Enfim, os textos foram reunidos e partimos, então, para a edição propriamente dita.

Inúmeros problemas surgiram também nesta etapa: falta de espaço, falta de consistência em algumas matérias e falta de um projeto gráfico definido. Nas conversações preliminares, ficaram estabelecidos alguns pontos sobre a apresentação gráfica do 'Canudo'. Queríamos dar uma aparência "atraente" ao jornal, limpa, sem poluição nem tijolaços, diferenciando claramente os artigos opinativos das reportagens. Ficou combinado, também, fazer uma capa sem matérias, apenas com manchete, lead e foto, além das chamadas. Era a intenção, mas não foi o resultado.

A falta de espaço obrigou a abertura da matéria principal na capa, falando sobre o aumento do RU. As chamadas, que eram para ter um ar de 'Grande Imprensa', ficaram mais parecidas com anúncios classificados. O

logotipo foi desenhado em cima da hora , lá na AGS, e um esquecimento imperdoável fez com que não constasse do 'cabeçalho' as palavras "Jornal do DCE - UFSC" para que o leitor soubesse quem estava fazendo aquilo. Isto para não falar nos erros de revisão.

Passando à página central, uma mudança de última hora na diagramação, motivada por um erro de cálculo, fez com que a relação entre o título "Conversando é que a gente se entende" e a foto do reitor eleito sorrindo ao lado do ex-reitor fosse quebrada. Ainda em função do erro de cálculo, os artigos opinativos não ficaram devidamente identificados, embora estivessem assinados. É válido esclarecer que a mudança feita na diagramação não recebeu aprovação nenhuma. A AGS alterou tudo sem consultar a equipe do 'Canudo', pouco antes do jornal ir para a gráfica.

Ao buscar o jornal na Imprefar, o editor quase teve um acesso de choro. Mas, já diziam os antigos, quem ama o feio, bonito lhe parece. A diretoria gostou do resultado. O reitor eleito apareceu no outro dia, no DCE, esbravejando por causa da foto e, de certa maneira, reestabelecendo a relação quebrada pelo erro de diagramação. Afinal, aos poucos, o próprio editor ficou observando seu 'patinho feio' o tempo necessário para descobrir nele algumas virtudes.

Os textos não estavam ruins. Não eram nenhuma 'Brastemp', mas ficaram dentro dos parâmetros definidos anteriormente, dando informações completas e confirmadas. Olhando bem, o conteúdo do jornal estava de acordo com o que o 'Canudo' se propunha. O objetivo de cobrir a UFSC foi alcançado. Os assuntos abordados estavam presentes no Campus. Não saiu nenhuma matéria pedindo ao presidente para suspender o pagamento da dívida externa. É verdade que um diretor queria publicar um artigo defendendo a

volta do paredão em Cuba. Infelizmente, por motivo de espaço, o artigo cubano foi cortado. Já o "Neo-miserabilismo" (página dois) não deu para evitar, mas, dos males, o menor (cabe esclarecer ainda que o editorial deste e dos outros números era redigido pela diretoria e não pela equipe do 'Canudo'). No balanço geral, a edição também estava razoavelmente adequada.

Graficamente, o desastre parecia total. Porém, espremendo um pouco, deu para tirar algo de aproveitável. A contra-capá ficou aceitável e - embora pareça o mínimo necessário - o jornal apresentava uma unidade formal, não abusando do uso de tipos diferentes e mantendo todas as páginas divididas no mesmo número de colunas: cinco.

Outro ponto positivo no número um foi que, dentre os diversos alunos voluntários do curso de jornalismo, um entregou uma matéria que não foi jogada no lixo, nem totalmente reescrita. Pelo contrário, a matéria saiu na íntegra. O voluntário em questão até fez as fotos para o jornal, já que o Lúcio Giovanello mais atrasava do que fotografava. Na verdade, não foi um voluntário e sim uma voluntária: Mônica Linhares, então aluna da terceira fase. Ela foi convidada a trabalhar no 'Canudo', recebendo a segunda bolsa. E aceitou. Mais tarde, a escolha veio a se mostrar correta.



CANUDO

381367
MARCO
92

GESTÃO CRÍTICO E CRIATIVO

RU sobe mais que inflação

Em fevereiro, ao retornarem das férias, os estudantes da UFSC foram surpreendidos por um aumento superior a 100% no preço do bandejo do Restaurante Universitário (RU). Aprovado pelo Conselho de Curadores da universidade durante o recesso de janeiro, o reajuste elevou o valor do passe do RU de Cr\$ 240,00 para Cr\$ 520,00.

Se comparado com o preço praticado no começo de 91, há um ano, a refeição no RU ficou 620,5% mais cara em 12 meses. No mesmo período, o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) teve uma variação de 486,05%. Portanto, o passe subiu exatamente 134,45% mais caro que o índice usado pelo governo para determinar a inflação.

O cálculo que definiu o reajuste de fevereiro foi feito pela administração do Restaurante Universitário, baseado em uma pesquisa de preço aos fornecedores do RU. Depois, os números

foram levados ao Conselho de Curadores, onde receberam aprovação. De acordo com estes cálculos, o valor total do bandejo, hoje, é de Cr\$ 867,00, dos quais 40% são subsidiados pela UFSC, enquanto os outros 60% são pagos pelos usuários. Este mesmo raciocínio será usado agora em abril para um novo aumento.

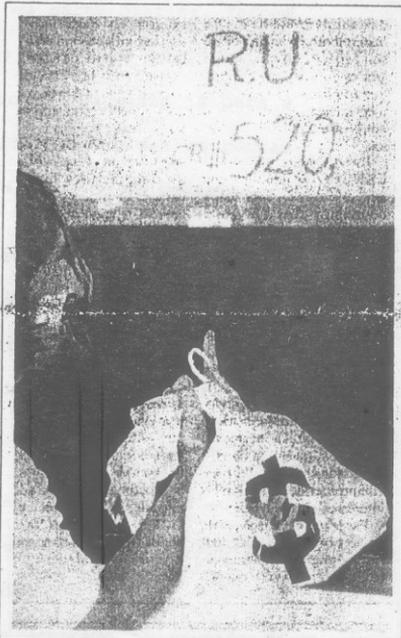
SALÁRIO MÍNIMO
Já o Diretório Central dos Estudantes acredita que o cálculo que rege os reajustes do RU deve ser feito de outra maneira. O coordenador geral do Diretório, Oscar Rover, explica que "O DCE vai entrar com uma proposta junto ao Conselho Universitário no sentido de que os aumentos de preço nos passes do Restaurante sejam vinculados ao aumento do salário mínimo e, conseqüentemente, das bolsas de trabalho e pesquisa concedidas pela universidade".

Para alguns estudantes, como Jerri Eduardo Grandó, o Tom (Computação), "o preço tá bom,

mas poderia melhorar a qualidade". Para outros alunos, como Eriberto Bitencourt Júnior, o Porcão (Ed. Física), "a questão não é somente o cálculo do preço do RU, mas sim as reais possibilidades dos estudantes que o utilizam. Analisando no por aí, o preço tá f...". Eriberto aponta como solução o exemplo dado por outras Universidades Federais, como a de Pelotas, onde a alimentação é gratuita.

COLORIDO E ANTI-ECONÔMICO
No entanto, ao invés de apontar para o gratuidade, as sugestões existentes no Conselho de Curadores vão na direção oposta. O senador Hans Wenzel Therkradt (representante das Federações Sindicais dos Trabalhadores de SC), por exemplo, propôs que "para cada trimestre os passes do RU recebam cores diferentes". Esta ideia, unida aos reajustes trimestrais, tem por finalidade evitar que o usuário possa economizar algum dinheiro comprando passes antes do aumento.

Para complicar ainda mais os problemas que os estudantes já têm com alimentação, o RU está com um déficit de 43 funcionários. Isto fez com que os próprios servidores do Restaurante, sobrecarregados, levassem à Asufsc uma proposta para fechar o RU aos sábados. Embora concorde com a reclamação dos funcionários, o coordenador geral do DCE, Oscar Rover, acredita que "esta medida só traz prejuízos aos estudantes e não faz nenhuma pressão sobre a Reitoria".



O passe do RU subiu de Cr\$ 83,00 para Cr\$ 520,00 em um ano. Um reajuste de 134,45% superior à variação do IPC do período, índice que mede a inflação.



Antiga diretoria não explica o que fez com o dinheiro

A direção passada do DCE não prestou contas à atual diretoria. Dos Cr\$ 520 mil de uma contribuição acadêmica no semestre 91/2, sobram apenas Cr\$ 400,00 e uma dívida de Cr\$ 900 mil. Pág. 4

Saiba o que Diomário pensa sobre a Universidade

O futuro reitor é questionado sobre as dificuldades dos alunos. Ele responde o diálogo em busca das soluções, mas reconhece problemas como o aumento do Restaurante Universitário. Pág. 2 e 3.

6. O número dois

Logo após a edição do número um, foi feita uma reunião de avaliação. Os pontos já destacados levaram a conclusão que era necessário um maior planejamento do trabalho, principalmente da parte gráfica. Também se resolveu solicitar à diretoria a ampliação do número de páginas para oito. Um novo orçamento foi elaborado e o DCE aprovou o aumento já para a edição seguinte. Na mesma reunião de avaliação, foram definidas as pautas para 'Canudo' II, a missão, agora com um número bem menor de voluntários.

Já era início de abril. Desta época até o final de maio, fui obrigado a fazer uma série de viagens por motivos profissionais. Estas viagens me afastaram do 'Canudo' e, de certa maneira, atrasaram o andamento do projeto. Mas, graças ao grande empenho dos dois bolsistas, Mônica e Mendonça, o jornal continuou a ser publicado.

O número dois saiu em maio e ficou patente a "troca" de editor. A diferença não foi tão grande no que toca aos assuntos abordados. A pauta, combinada na reunião de avaliação, foi seguida à risca, cuidando fundamentalmente de cobrir a UFSC. Ainda fruto do acertado na reunião de pauta, surgiram dois elementos novos: a reportagem central e a agenda publicada na contra-capa. Do Canudo I foram consequências as suítes sobre a prestação de contas da antiga diretoria, a posse do reitor Diomário Queiróz e o novo aumento no preço dos passes do Restaurante Universitário. Assim, o jornal já demonstrava sua capacidade de se realimentar de pautas.

No entanto, as alterações nos setores de edição e apresentação gráfica forma gritantes, desde o copy-desk das matérias até os tipos e

colunas do jornal. De positivo a este respeito, podem ser destacados o retorno do antigo logotipo do jornal - usado na já citada gestão de 89 - acrescido de graúna, símbolo da gestão Cri-Cri. Também foi um ponto favorável o fato da diagramação ter ganho mais "movimento", preservando a capa das matérias e saindo da "quadradice" do primeiro número. Saindo até demais.

Graficamente, o jornal ganhou em movimento, mas perdeu em unidade. Os tipos diferentes se multiplicaram e foram alterados de um título para outro sem razão aparente (como na página três, por exemplo, ou no texto do editorial). O número e a largura das colunas também sofreram seguidas mudanças, de acordo somente com a necessidade de fazer caber as matérias destinadas a cada página. A capa recebeu tantos elementos, grisês, vazados, sangrados, que acabou ficando completamente confusa, poluída.

Na parte de edição e texto, o problema foi maior. Algumas matérias esqueceram de seu compromisso de informar e abusaram da utilização de adjetivos dispensáveis como sustentáculos de uma reportagem inconsistente. Neste aspecto, a diferença fica patente ao se comparar a matéria sobre o RU publicada na capa do número um e a suíte feita na página sete do número dois. Detalhe: as duas foram escritas pela mesma pessoa, mas a primeira foi refeita três vezes e acrescida de vários dados que não constavam da versão inicial. A falta de um critério editorial que adequasse os textos ao espaço para eles previstos e não ao contrário, fez com que uma das retrancas da reportagem central ("Custo de vida é alto perto da UFSC") pulasse para a página três. Já no momento de serem elaboradas as chamadas de capa, utilizou-se excessivamente o recurso dos dois pontos: foram três, só na primeira página. Nota-se ainda que o fotógrafo, Lúcio Giovanello, embora tenha trabalhado desta vez, não caprichou muito, como atesta a foto

Opiniões

JORNAL DO POPE

de capa. Para finalizar a sessão de críticas, foram assinadas todas as matérias, indiscriminadamente, apesar de várias terem sido feitas pelas mesmas pessoas.

NA LUTA PELA MORADIA

Um relatório
de trabalho e
de organização



Sintonize seu rádio.
A 107 FM livre está
se volta ao ar

Um relatório
de trabalho e
de organização

Greve a Universidade e emprego do patrimônio

Um relatório
de trabalho e
de organização

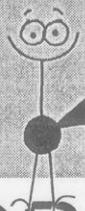
Um relatório
de trabalho e
de organização

Um relatório
de trabalho e
de organização

Camudo

MAIO/92 - GESTÃO CRI-CRI

JORNAL DO DCE



NA LUTA PELA MORADIA

**RU: ineficiência,
desrespeito e
novo aumento**

Página 7



**Sintonize seu rádio.
A 107 FM livre está
de volta ao ar**

Página 6



Greve: a Universidade em defesa do patrimônio

Página 3

**Diomário recebe
faixa e uma
Universidade caótica**

Página 6

**Estatuinte:
iniciadas as
discussões na UFSC**

Página 6

**Gestão passada faz
piada com o dinheiro
dos estudantes**

Página 6

7. O número três

Canudo

No número três, publicado em junho, eu permanecia afastado. Mas a Mônica e o Mendonça não deixaram a peteca cair. Basicamente, o 'Canudo' III, o retorno, teve as mesmas virtudes e cometeu os mesmos pecados de seu antecessor. Na coluna dos "pecados", destaca-se um erro gritante de revisão, pelo qual a palavra reúne foi grafada na manchete de capa sem o indispensável acento agudo. Na coluna das virtudes, aparece a cobertura completa da manifestação contra a privatização, que teve um bom comparecimento mesmo antes das passeatas virarem mania nacional entre os estudantes.

Outro detalhe merece atenção no 'Canudo' III. A apresentação da reportagem central foi semelhante ao do número dois: o título em uma linha, ocupando todas as colunas, com uma foto ou ilustração na parte central da página espelhada, coordenando a disposição das retrancas principal e correlatas. Mesmo que inconscientemente, nascia aí uma maneira de diagramar a matéria central que se firmou e foi utilizada até o último número.

Camudo

JUNHO/02 - GESTÃO CRI-CRI



MANIFESTAÇÃO REUNE CINCO MIL



O ATO PÚBLICO EM DEFESA DA UNIVERSIDADE, do dia 27 de maio, reuniu mais de 5 mil estudantes numa caminhada de 8 Km, do Campus Universitário ao Palácio do Governo. A manifestação foi vista pela imprensa como a maior da história da UFSC



CDS
Estrutura da sala de musculação condenada há dois anos

RU
Maurício Alves assume administração

Transporte Coletivo
Elevação de patamar nas linhas do Campus

Moradia
Sete estudantes dividem a CEU masculina

8. O número quatro

A edição do 'Canudo' IV marcou a minha reintegração no jornal e, paralelamente, a saída do bolsista Mendonça, pressionado pelo seu péssimo desempenho escolar no semestre 92/1. Do meu retorno, associado à experiência adquirida pela Mônica nos números dois e três, nasceu o salto de qualidade do jornal. Por assim dizer, houve uma união do que de melhor foi produzido no número um e na fase em que estive afastado. Porém, por problemas financeiros da entidade, a tiragem teve de ser reduzida de cinco mil para três mil exemplares.

No 'Canudo' IV, o jornal voltou a ter uma padronização em sua apresentação gráfica, sem cair novamente na "quadradice" do primeiro número. Todas as páginas (à exceção da capa) foram divididas em cinco colunas e as matérias passaram a ser dispostas de maneira similar, dentro de uma variação programada. A diagramação da página central foi baseada nas edições anteriores, com o acréscimo de uma linha de apoio. Inspiradas no 'Zero', foram instituídas as cartolas de página que, apesar de alguns problemas de edição, cumpriram sua função. A capa recebeu a organização que era pensada desde o número um, apenas com manchete, lead, fotos e chamadas.

Ainda sobre a apresentação gráfica, o ponto negativo foi o uso de capitulares abrindo todas as matérias. Utilizadas sem critérios, as capitulares perderam sua razão de ser - chamar a atenção do leitor para determinado texto em especial. Mas, ao observar o 'Canudo' IV, podia-se notar que, enfim, o jornal havia encontrado seu projeto gráfico. Uma fórmula simples, sem grandes invenções, que poderia facilmente ser repetida posteriormente.

Do ponto de vista editorial, também houve uma uniformização. Os textos voltaram a ter um padrão mínimo de qualidade, seguindo os critérios já comentados anteriormente. As pautas atenderam ao objetivo básico de cobrir o Campus, sempre suitando os assuntos de maior relevância tratados no número anterior. A assinatura de matérias ficou restrita à página de opinião, reportagem central e textos de colaboradores eventuais. O senão na parte de edição ficou por conta das cartolas, que eram para ser de páginas e acabaram sendo redigidas como se estivessem ligadas à matéria principal da página. Também apareceram as costumeiras falhas de revisão, um mal difícil de extirpar. Resultado: na legenda de foto de capa sobre a carteira da UCE saiu um exceção com dois esses.

Na análise do número quatro, vale a pena abrir um parênteses para explicar o "Última Hora", que foi impresso em grisé por baixo do texto "Professores podem fazer greve em agosto". O jornal já estava diagramado e começava a ser montado quando recebemos a informação da viagem do presidente da Apufsc, Marco da Rós. A matéria foi feita e publicada no lugar de outra. O "Última Hora" foi a tentativa de explicar a situação aos leitores, justificando o fato de um assunto de tal importância ter sido editado sem o devido destaque. No balanço geral, o 'Canudo' IV foi um marco: o jornal chegou ao patamar que havia sido planejado. Então, era uma questão de aperfeiçoá-lo.

Após a edição do número quatro, houve uma nova reunião de avaliação, na qual um ponto específico foi colocado em discussão: a linguagem que estava sendo utilizada. Seria interessante tentar soltar mais o texto, para se aproximar da linguagem utilizada diariamente pelo nosso público específico? Não se correria o risco de escrever bobagens e esquecer das informações? Depois de muito papo, chegou-se a conclusão que se

Canudo

JORNAL DO DCE - UFSC

SETEMBRO-OUTUBRO/82 GESTÃO CRI-CRI



Os Estudantes que derrubam Presidentes



O que levou uma juventude até pouco tempo atrás taxada de alienada e despolitizada a tomar as ruas exigindo a cabeça de Collor? Descubra na página central

Opinião

Impeachment é pouco

9. O número cinco

Agosto foi o mês de férias. A bem da verdade foram somente duas semanas de férias. No segundo semestre, o jornal teve sua periodicidade alterada de mensal para bimestral. A razão preponderante da mudança foi o desgaste na parte de pessoal. Havia mais uma bolsa para ser dada a quem se interessasse e tivesse capacidade de auxiliar no 'Canudo'. Infelizmente, ninguém cumpriu com os dois requisitos. Este fato, aliado ao desempenho escolar periclitante dos dois editores e ao pouco dinheiro do DCE, tornou a decisão quase que inevitável.

A bimestralidade não afetou a intenção de aperfeiçoar o 'Canudo'. Por um lado, até ajudou. Nos meses de setembro e outubro, o "Collorgate" atingiu o seu pico. A mobilização dos estudantes contra o presidente também. Graças à bimestralidade, houve condições para esperar o resultado da votação do impeachment na câmara federal e soltar o 'Canudo' V já com a boa notícia: Collor caiu - ou foi para o porão, como queiram.

Do ponto de vista editorial, o 'Canudo' V vestiu uma camisa preta com a inscrição Fora Collor e vibrou com a queda do presidente. Vibrou também com o 'renascimento' da mobilização estudantil. Na reunião de pauta, ficou definido que a reportagem central daria voz aos líderes de entidades representativas da comunidade universitária, analisando o que diabos era aquele movimento: Por quê surgiu e qual poderia ser o seu futuro? É claro, as mesmas perguntas seriam feitas aos próprios estudantes. A idéia é que não existia condições de concorrer com a grande imprensa no papel de informar sobre o andamento do processo de impeachment. Porém havia possibilidade de se fazer uma análise específica dos fatos, do ponto de

vista de quem estuda, dá aulas e trabalha na UFSC. Com o resultado favorável da votação na câmara, a capa e a página de opinião foram tomadas pelo clima de euforia do momento - de caso pensado e na medida certa. É verdade que a foto de capa e a principal da central foram buscadas junto a colegas fotógrafos de A Notícia. Mas o Lúcio Giovanello até que emplacou algumas fotos.

Além do 'Collorgate', tivemos outra matéria de destaque: o caso Montanha. Pouco antes do fechamento do jornal, saiu o resultado do inquérito que investigava as circunstâncias do assassinato do segurança Murilo Montanha Luiz por um policial, em um bar de clientela predominantemente formada por universitários. Era uma boa oportunidade de retomar um assunto que, com certeza, teria grande leitura na UFSC. E a chance não foi desperdiçada. Porém, o aproveitamento do material sobre o caso Montanha forçou a "agenda" a entrar para a página sete, saindo do seu costumeiro espaço na contracapa.

Sobre a questão de adequação da linguagem ao público, os resultados foram poucos. A experiência neste sentido ficou centrada na matéria "Se rodar três vezes, dança", na página três. O leitor foi tratado de você, o texto foi mais solto e se permitiu até qualificar o artigo 25 de "famigerado". No entanto, os erros de revisão complicaram o texto e não houve um retorno visível de leitura em virtude da mudança.

Ainda do ponto de vista editorial, louve-se o fato das cartolas de páginas terem realmente funcionado como tal. De negativo, um fator: ainda faltou uma exata adequação do tamanho dos textos ao espaço a eles destinados, provocando alguns 'brancos e pretos' - como é o caso do branco artístico da página seis, entre as duas matérias, ou do 'corpinho'

utilizado na opinião sobre o caso Montanha, na contracapa. Mas, mesmo neste aspecto, houve uma sensível evolução em relação aos números anteriores.

Sobre o projeto gráfico, basicamente foi mantida a estrutura elaborada no 'Canudo' IV. Apenas duas alterações foram feitas: na página dois, o editorial ficou apenas com o título e perdeu o 'chapéu' que o identificava como editorial; nas matérias abertas em cinco colunas, foi utilizada uma linha de apoio. Quanto a primeira mudança, tudo bem. Já a segunda alteração teve seu resultado final prejudicado pela já citada falta de adequação exata do tamanho dos textos o que fez com que a linha de apoio variasse muito de corpo de uma matéria para outra. A reportagem central também devia ter uma linha de apoio, mas um novo erro de cálculo fez com que ela tivesse de dançar na última hora. Outro senão no aspecto gráfico foi a ilustração da matéria "Se rodar três vezes, dança", equivocadamente colocada no meio do texto, quebrando a leitura. No entanto, é bom que fique claro que aqui estão sendo analisados detalhes da parte gráfica, pois o principal (unidade formal, hierarquização das matérias e clareza para a leitura) foi alcançado.

Camudo

JULHO 82 - GESTÃO CRI-CRI

JORNAL DO DCE - UFSC



Estatuante começa a andar

Depois de dois meses e meio de discussões, o processo que desembocará na reformulação do estatuto da UFSC chegou a definições importantes. As mudanças serão debatidas e aprovadas por um Congresso Estatuinte livre e soberano, composto por 99 representantes da comunidade universitária e 10 delegados da comunidade externa. As eleições dos congressistas serão feitas de três maneiras diferentes: por Centros de Ensino, por Fóruns Temáticos e de modo Paritário Universal. Antes do Congresso, estão previstas Assembléias Estatuintes, com a participação de todos os interessados. Esta é a terceira tentativa de modificar o estatuto da Universidade, feito em 1968. As duas anteriores fracassaram por falta de mobilização.



Na mobilização do dia vinte e sete de maio tivemos os primeiros passos pelas mudanças.



A cartelinha da UCE é inútil nos cinemas da cidade, a excessão do CIC.

Lei da meia entrada não é respeitada

Página 7

Privatização corre solta no Congresso

Página 3

Dois carros roubados por mês na UFSC

Página 6



10. No futuro

Ainda sairá mais um número do 'Canudo' em dezembro. Se tudo correr bem, ele deverá circular na quarta-feira da semana que vem, tendo como matéria principal as dificuldades do fim do ano letivo e os efeitos do artigo 25 - mais de 5% dos estudantes da UFSC correm o risco de serem jubilados por este mecanismo. A edição de novembro/dezembro deverá também ter um encarte de quatro páginas com a avaliação da gestão que se encerra no final do ano. Este número não rodou antes exatamente em função do suplemento de avaliação. Como havia eleição para o DCE nos dias 2 e 3 de dezembro, a diretoria temia publicar o último 'Canudo' antes da votação, pois esta atitude daria margens a interpretações do tipo: estão fazendo propaganda da chapa de situação com o dinheiro do DCE.

11. Conclusão

Os objetivos do trabalho foram alcançados. O projeto editorial e gráfico do 'Canudo' foi elaborado e implantado na prática. Inegavelmente, esta experiência de um ano, com seus erros e acertos, pode servir de subsídio para o futuro encarregado do jornal - se ele compartilhar dos mesmos conceitos aqui trabalhados.

Neste projeto, boa parte dos conhecimentos ministrados no curso de jornalismo foram testados - e até alguns que não são dados, como os erros de cálculo do diagramador. O resultado desta interferência de um formando de jornalismo no 'Canudo' estão expressos nos jornais publicados, principalmente os números quatro e cinco. É claro que o 'Canudo' poderia ser melhor, como qualquer jornal pode ser aperfeiçoado. Melhoraria mais ainda se tivesse uma infra-estrutura profissional, com jornalistas bem pagos para produzi-lo. Mas, dentro das condições existentes, é certo que houve uma grande evolução. Basta comparar o primeiro número com o último.

Do ponto de vista profissional, a experiência foi enriquecedora, tanto no campo do jornalismo propriamente dito, quanto nas relações humanas e nas pressões políticas (ou não) que inevitavelmente acompanham o trabalho de edição de um jornal. No meu modo de ver, usei o que aprendi na faculdade, interfeiri na realidade, coordenei um jornal perseguindo um objetivo. E o resultado foi satisfatório.

QUANTO CUSTA UM 'CANUDO' (valores não atualizados)

Número 1 - Março. Tiragem de 5 mil exemplares

AGS - Cr\$ 760.000,00

Imprefar - Cr\$ 980.000,00

Uma bolsa (Mendonça) - Cr\$ 200.000,00

Número 2 - Maio. Tiragem de 5 mil exemplares

AGS - Cr\$ 1.200.000,00

Diário Catarinense - Cr\$ 1.280.000,00

Duas bolsas (Mônica e Mendonça) - Cr\$ 400.000,00

Número 3 - Junho. Tiragem de 5 mil exemplares

AGS - Cr\$ 1.400.000,00

Diário Catarinense - Cr\$ 1.700.000,00

Duas bolsas - Cr\$ 400.000,00

Número 4 - Julho. Tiragem de 3 mil exemplares

AGS - Cr\$ 1.700.000,00

Imprefar - Cr\$ 1.700.000,00

Uma bolsa (Mônica) - Cr\$ 400.000,00

Número 5 - Setembro/Outubro. Tiragem de 7 mil exemplares

AGS - Cr\$ 2.000.000,00

Imprefar - Cr\$ 2.700.000,00

Uma bolsa (Mônica) - Cr\$ 1.200.000,00*

* Referentes a três meses: agosto, setembro, outubro.